

CENTRO DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
Etec. Cel. Fernando Febeliano da Costa
Curso Técnico em Enfermagem

Higor Daniel Da Silva Leite Simão
Laura Fernanda Pereira
Viviane Silva Santos

VICISSITUDE DE UMA GRAVIDEZ PRÉVIA

Piracicaba/SP
2024

Higor Daniel Da Silva Leite Simão

Laura Fernanda Pereira

Viviane Silva Santos

VICISSITUDE DE UMA GRAVIDEZ PRÉVIA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso Técnico de Enfermagem da Etec Cel. Fernando Febeliano da Costa, orientado pela Professora Mônica Groppo, como requisito parcial para a obtenção do título de Técnico em Enfermagem.

Piracicaba/SP

2024

1. RESUMO

Esse artigo buscava lançar um olhar mais amplo para as jovens que engravidam na adolescência, visando compreender não somente os riscos fisiológicos e psicológicos que podem ocorrer como também os problemas sociais que ela enfrenta durante e após a gestação. Visando orientar e alertar as pessoas sobre tais fatos nos baseando em estudos e análises de documentos, também realizamos um questionário para compreender sobre a gestação precoce e como ela impacta na vida dessas jovens. Neste estudo, notou-se que apesar de em sua maioria acharem que a maior dificuldade enfrentada é a imaturidade, também se faz presente o desamparo familiar e conjugal, a evasão escolar entre outros. Entretanto, os índices estão diminuindo e campanhas governamentais estão sendo realizadas afim de que o número de casos diminua e as jovens consigam ser amparadas quando houver necessidade. Contudo, acredita-se que este estudo possa colaborar com as campanhas, levando informações que contribuam para a redução da gravidez na adolescência.

Palavras-chaves: gravidez na adolescência; riscos; dificuldades; problemas.

2. ABSTRACT

This article seeks to take a broader look at young women who become pregnant during adolescence, aiming to understand not only the physiological or psychological risks that can occur, as well as social problems this teenager may face during and after pregnancy. In order to conduct and alert people about these facts, basing our studies and documental analysis, we also conducted a small questionnaire to understand about early pregnancy and how it impacts the lives of these young women. In this study, it was noted that, although the majority believe that the greatest difficulty faced is immaturity, there is also the presence of family and marital neglect, school dropout, among other reasons. However, the rates are decreasing and governmental campaigns are being implemented in order to reduce the number of cases and to ensure these teenagers receive support when needed. Nevertheless, it is believed this study may contribute to these campaigns, providing information that helps reduce teenage pregnancy.

Keywords: teenage pregnancy; risks; difficulties; problems.

SUMÁRIO

1.	RESUMO	3
2.	ABSTRACT	4
3.	INTRODUÇÃO	6
4.	JUSTIFICATIVA	7
5.	HIPÓTESE	8
6.	OBJETIVOS	9
6.1.	Objetivo geral	9
6.2.	Objetivos específicos	9
7.	DESENVOLVIMENTO	10
8.	METODOLOGIA	14
9.	DISCUSSÃO	15
10.	CONCLUSÃO	24
	REFERÊNCIAS	25
	APÊNDICE	27

3. INTRODUÇÃO

De acordo com definição da Organização Mundial da Saúde (OMS 1965), a adolescência é uma fase biopsicossocial compreendida como sendo dos 10 aos 20 anos de vida. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a fase da adolescência é dos 12 aos 18 anos (LEI N°8.069/1990), mas ambos concordam que o início do surgimento das características sexuais secundárias marca o início dessa fase. Durante esse período, o adolescente passa por mudanças psicológicas e sociais também, e uma gestação pode acarretar riscos a essa maturação, podendo ser eles sérios em relação a vida.

Os riscos à saúde são evitáveis a partir do momento que conseguimos prevenir a gravidez, pois ela afeta o desenvolvimento psicológico e social, além de expor o adolescente ao risco a vida em alguns casos (como grávidas que possuem sistema fisiológico mal desenvolvido). O jovem submetido a essa mudança de vida repentina, encontra grandes problemas para se enquadrar na sociedade e pode ser acometido por patologias psicológicas devido à pressão e preocupação pela qual passa. Há também a questão das infecções sexualmente transmissíveis (IST's) que são ignoradas por muitos nesta faixa etária (YAZLLE, 2006).

Como relata Castro, 2009, A normalização e romantização da gravidez na adolescência está enraizada na sociedade, é corriqueiro desde muitos anos as mulheres engravidarem entre os 14 aos 19 anos. No entanto, estudos e pesquisas confirmam os malefícios disso. Gostaríamos de abordar alguns dos principais perigos e dificuldades enfrentados por essas gestantes, também como falar sobre a abordagem da enfermagem nesses casos e como mitigar os problemas.

4. JUSTIFICATIVA

Há uma grande necessidade de falarmos mais sobre esses fatores, pois mesmo em um século inundado de informações, a gravidez na adolescência é um problema assíduo, e traz consigo uma série de outros problemas.

Essa difícil situação acomete principalmente a população de baixa renda, o que faz com que essas jovens passem por dificuldades que muitas vezes seguem um padrão, como: defasagem escolar, onde temos o agravante da saída da jovem do mercado de trabalho, e quando se tenta a reinserção da mesma, a oportunidade de vagas é extremamente limitada devido à escolaridade; problemas de saúde que podem surgir ou se agravar, dentre eles complicações uterinas, distúrbios da pressão arterial.

Escolhemos falar sobre o tema em questão devido a necessidade da propagação de informação verídicas e de qualidade, voltando-se para os funcionários da área da saúde, com intuito de melhorar o atendimento a esse público.

5. HIPÓTESE

A gravidez na adolescência aumenta os riscos para a mãe e o bebê devido a faixa etária da gestante estar exposta a inúmeras mudanças fisiológicas, sociais e psicológicas. “Se há gravidez na adolescência, então os riscos aumentam”

6. OBJETIVOS

6.1. Objetivo geral

Transmitir conhecimentos sobre os riscos que a gravidez na adolescência pode gerar.

6.2. Objetivos específicos

- Evidenciar potenciais dificuldades sociais e fisiológicas.
- Explanar formas de abordagem.
- Propor ações de enfrentamento à questão.

7. DESENVOLVIMENTO

A gravidez na adolescência é um fenômeno complexo que apresenta desafios significativos nos âmbitos econômico, social e fisiológico. Esses desafios vão além das questões puramente médicas e impactam profundamente tanto as jovens mães quanto suas famílias e comunidades (BRASIL, 2019).

Do ponto de vista econômico, a gravidez na adolescência pode resultar em dificuldades financeiras devido à falta de recursos para sustentar a criança e à interrupção da educação e do desenvolvimento profissional das mães adolescentes. No aspecto social, as adolescentes grávidas muitas vezes enfrentam estigma, isolamento social e discriminação, o que pode afetar negativamente sua saúde mental e bem-estar emocional. Além disso, existem riscos fisiológicos tanto para as mães adolescentes quanto para os bebês, incluindo complicações durante a gravidez e o parto, desenvolvimento inadequado do feto e maior probabilidade de problemas de saúde a longo prazo. Esses desafios exigem uma abordagem holística e multidisciplinar para mitigar seus impactos e oferecer apoio adequado às adolescentes grávidas e suas famílias (BRASIL, 2019).

Segundo uma pesquisa feita pelo Educacenso em 2019, que contemplou cerca de metade das escolas públicas e privadas do país, cerca de 20% das mulheres que engravidaram no período da adolescência interromperam os estudos. De acordo com a pesquisa, um total de 91.740 escolas replicaram que, em 2018, 65.339 alunas na faixa de 10 a 19 anos engravidaram (BRASIL, 2019).

Notou-se que repetidamente o nível socioeconômico é descrito como uma condição pertinente a ocorrência da gravidez na adolescência, uma vez que as classes econômicas menos favorecidas apontam notáveis índices com relação as classes econômicas mais favorecidas (TABORDA et al, 2014).

Esses casos repercutem ainda na vida escolar destas adolescentes, tanto durante como após a gestação, acarretando a evasão escolar e afetando o nível de escolaridade da mãe, limitando seu ensejo futuro (TABORDA et al, 2014).

Abordar as dificuldades sociais e econômicas enfrentadas por adolescentes grávidas é crucial para entender os impactos reais dessa situação.

A gestação precoce é considerada uma questão de saúde pública devido a sua alta incidência e os perigos envolvidos. Durante a adolescência, o corpo feminino ainda está em desenvolvimento, o que aumenta a vulnerabilidade e complicações durante a gravidez e o parto. Essa fase delicada da vida é caracterizada por mudanças

físicas, emocionais e psicossociais significativas, e quando combinada com a gestação, pode desencadear uma série de desafios para a saúde materna e fetal (OYAMADA et al, 2014).

Segundo Vanessa Vieira, Coordenadora do Núcleo de Atenção à Saúde da Mulher, Criança e Adolescente, as complicações mais comuns são: hipertensão e a pré-eclâmpsia nas adolescentes, o parto prematuro, o baixo peso ao nascer e a anemia gestacional (CONASS, 2020). A incidência desses problemas de saúde é mais pronunciada entre adolescentes devido a uma série de fatores, incluindo imaturidade fisiológica, menor adesão aos cuidados pré-natais e falta de acesso a serviços de saúde adequados (BRASIL, 2019).

Pode ocorrer também em maior incidência hemorragias pós-parto e necessidade de intervenções obstétricas, como cesarianas (OYAMADA et al, 2014). Bebês nascidos de mães adolescentes têm maior probabilidade de terem anomalias congênitas devido a fatores como nutrição inadequada e falta de cuidados pré-natais adequados. Essas complicações podem ter impactos duradouros na saúde materna e infantil, aumentando o risco de morbidade e mortalidade (BRASIL, 2019).

A Organização Mundial de Saúde define a adolescência como o período na vida a partir do qual surgem características sexuais secundárias e se desenvolvem processos psicológicos e padrões de identificação que evoluem da fase infantil para a adulta (RODRIGUES et al, 2009). O adolescente vivencia um amadurecimento sexual que ocorre simultaneamente ao amadurecimento intelectual e emocional. O corpo cresce, novas funções sexuais surgem, a mente se desenvolve, o ambiente se modifica, a qualidade das sensações afetivas e sexuais se transformam. Tudo isso provoca no jovem uma série de crises que vão tendo de ser superadas uma a uma, com maior ou menor dificuldade. Estas circunstâncias geram uma série de angústias e dúvidas, pensamentos e atitudes contraditórias, que levam os adolescentes a passarem por um período de tensão que deve ser transitório, no qual ocorre um desequilíbrio e requer uma resolução. Os resultados das crises podem ser positivos ou não, dependendo das condições ambientais e dos recursos de cada indivíduo. Nessa fase, há mudanças pessoais, que afetam o indivíduo, seus familiares e sua rede social (CAPLAN, 1980).

Diante de todas as complicações psicossociais que a gravidez na adolescência pode trazer para a mulher, destaca-se ainda que, no Brasil, assim como em outros países em desenvolvimento, este fenômeno é considerado um problema de saúde pública. Os dados sobre a ocorrência de gravidez na adolescência no Brasil

apontam para o aumento do número de filhos de mães adolescentes, agravados pela presença de mães de 10 a 14 anos de idade. No ano de 2000, na faixa etária citada, 0,43% tinha das adolescentes já tinha filhos e 17% delas, mais de um filho. Nesse mesmo ano, na faixa etária de 15 a 19 anos, 15% das jovens já tinham filhos (BRASIL, 2008).

Além dos danos emocionais, há também os riscos para a saúde. De acordo com a OMS 2008, adolescentes grávidas de 10 a 19 anos enfrentam mais riscos de eclampsia, endometrite puerperal e infecções sistêmicas do que mulheres de 20 a 24 anos. A entidade ainda revela que as complicações na gestação e no parto são a principal causa de morte entre meninas de 15 a 19 anos em todo o mundo.

A gravidez precoce pode desencadear uma série de problemas psicológicos tanto na adolescente grávida quanto em seu círculo social. Alguns desses problemas incluem:

- Estresse e ansiedade: A notícia inesperada de uma gravidez pode causar um aumento significativo nos níveis de estresse e ansiedade na adolescente, que pode se sentir despreparada para lidar com as responsabilidades da maternidade.
- Depressão: A gravidez na adolescência está associada a um maior risco de depressão, devido ao estigma social, às mudanças na vida da adolescente e às incertezas em relação ao futuro.
- Isolamento social: Muitas adolescentes grávidas enfrentam o isolamento social devido ao julgamento e à discriminação por parte de colegas, familiares e da comunidade em geral. Esse isolamento pode levar a sentimentos de solidão e baixa autoestima.
- Pressão emocional: A pressão emocional advinda da necessidade de tomar decisões difíceis sobre a maternidade, a educação e o futuro profissional podem sobrecarregar psicologicamente a adolescente.
- Conflitos familiares: A gravidez precoce pode desencadear conflitos familiares, especialmente se os pais ou responsáveis sentirem-se despreparados para lidar com a situação.

É fundamental oferecer apoio psicológico à adolescente grávida, garantindo que ela tenha acesso a orientação, aconselhamento e cuidados médicos adequados para lidar com os desafios emocionais que surgem durante esse período. O suporte familiar, o acompanhamento médico e o acesso a recursos comunitários

são essenciais para ajudar a adolescente a enfrentar os problemas psicológicos decorrentes da gravidez precoce (FRIZZO et al, 2005).

8. METODOLOGIA

Utilizamos a pesquisa quali-quantitativa, onde realizamos um levantamento através da plataforma Scielo com artigos entre 1980 a 2022, Google Acadêmico com artigos entre 2014 a 2021, Ministério da Saúde com artigos entre 2008 a 2023, PubMed 2005 a 2014, Conselho Nacional de Secretários da Saúde 2020, com textos em português. Coletamos dados através da plataforma Google Forms online utilizando de questionário (Apêndice A) no mês de março de 2024. O público-alvo foi mulheres e adolescentes que tiveram uma gestação na adolescência (entre 11 a 19 anos) e sua identificação será preservada e em nenhum momento será revelada.

Realizamos uma palestra para os alunos do 1º Módulo de Enfermagem na Escola ETEC CEL. Fernando Febeliano da Costa no mês de março de 2024, abordando o tema da gestação na adolescência e os riscos que ela oferece.

9. DISCUSSÃO

O período da adolescência ocorre entre 10 a 19 anos, segundo Marta Yazlle, 2006, Professora e Doutora do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/USP. É um momento onde as principais mudanças físicas e psicológicas ocorrem no corpo dessas adolescentes e uma gravidez prévia traz grandes riscos físicos, psicológicos e socioeconômicos.

Durante a pesquisa realizada com mulheres de faixa etária de 11 a 19 anos (Figura 1), 82,1% dessas mulheres tiveram ao menos uma gestação (Figura 2).

Qual sua faixa etária?

56 respostas

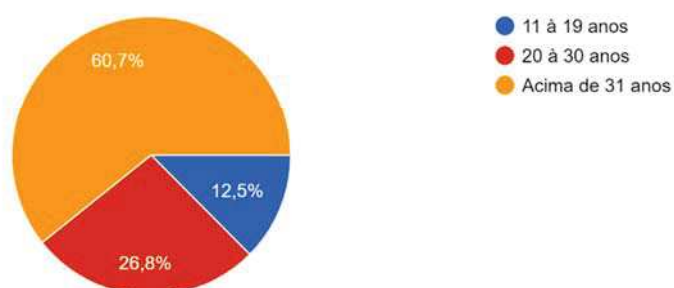


Figura 1 – Autoria própria, 2024.

Tem filhos?

56 respostas

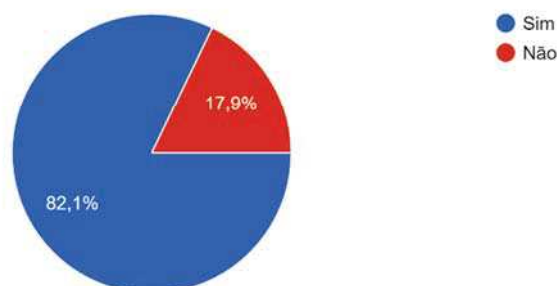


Figura 2 – Autoria própria, 2024.

Dentre essas, 30,35% foram mães até os 20 anos (Figura 3).

Com quantos anos teve sua primeira gestação?

56 respostas

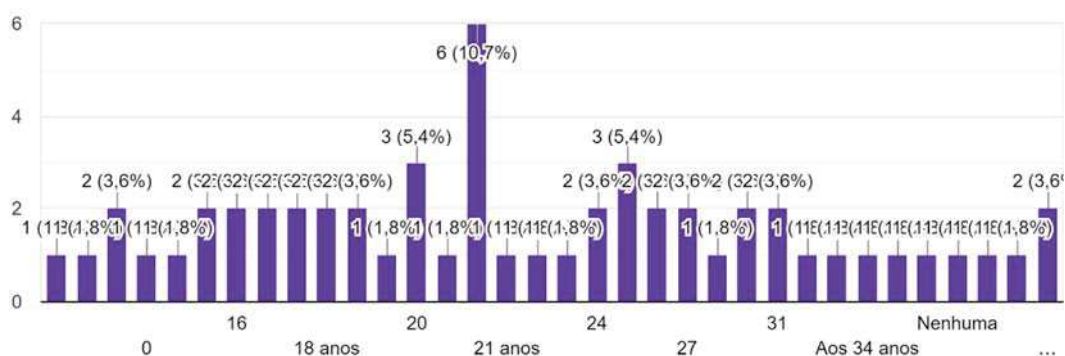


Figura 3 – Autoria própria, 2024.

A pesquisa mostra que 28,57% dessas adolescentes ainda não haviam concluído o ensino médio, quando tiveram filhos (figura 4). Tal condição aumenta o número da evasão escolar. Uma pesquisa feita pelo Educasenso em 2019 com 50% das escolas públicas e privadas do Brasil, nos mostrou que cerca de 20% dessas jovens mães abandonaram os estudos. Um total de 91.740 escolas afirmaram que 65.339 adolescentes dessas escolas engravidaram no ano de 2018.

Qual era seu nível de escolaridade na primeira gestação?

56 respostas

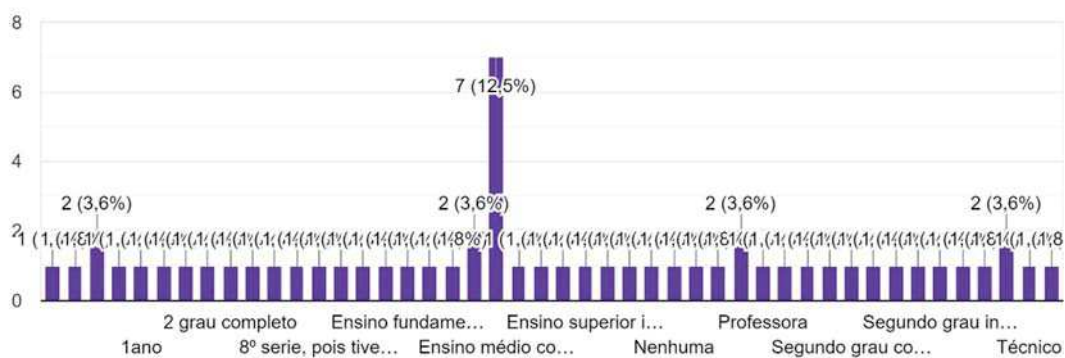


Figura 4 – Autoria própria, 2024.

De acordo com dados da pesquisa, 14,3% das mães juvenis evadiram-se da escola durante o período da gestação e puerpério (figura 5). A vulnerabilidade social na qual essas jovens se encontram é um dos fatores que aumentam a chance

de evasão escolar devido a uma gestação prévia não intencional. A dificuldade no acesso a serviços públicos também eleva esse índice (BRASIL, 2019).

Precisou parar os estudos por conta da gestação?

56 respostas

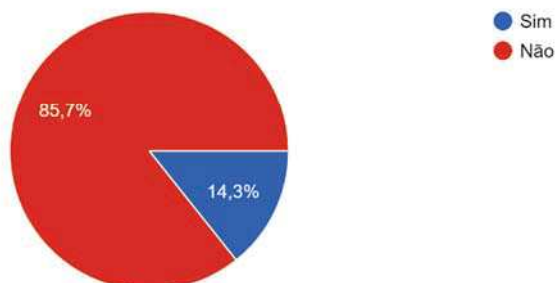


Figura 5 – Autoria própria, 2024.

A falta de políticas públicas, informações de qualidade e apoio de cônjuge e familiares são fatores eminentes para que essas jovens não consigam retomar os estudos. Durante a pesquisa, notamos que 31,25% não retomaram os estudos (figura 6). Um estudo realizado através de análise multivariada por meio de regressão logística binomial com jovens que finalizaram uma gravidez no primeiro quadrimestre de 2006, na faixa etária entre 15 e 19 anos de idade, 54,4% negligenciaram os estudos (SOUZA et al, 2018). Isso demonstra a dificuldade que essas jovens sentem para voltar aos estudos.

Se sim, em qual série? Retomou os estudos após o nascimento do bebê?

16 respostas

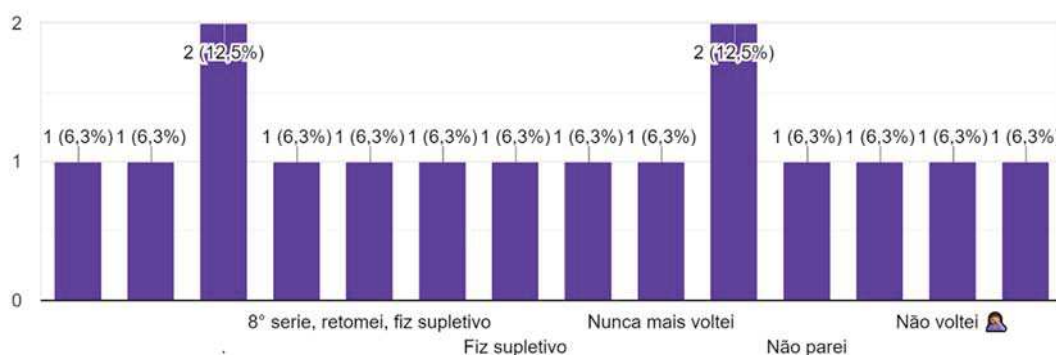


Figura 6 – Autoria própria, 2024.

A fase gestacional traz consigo inúmeros desafios, não só para a mãe, mas também para a família e para o companheiro, que na maioria das vezes também é

adolescente. Todavia, tanto a puérpera quanto o recém-nascido são quem mais estão expostos a riscos, seja, psicológico ou fisiológicos. Dentre os riscos fisiológicos, a hipertensão arterial, diabetes gestacional e pré eclampsia estão entre os mais comuns diagnósticos (figura 7). A maturidade biológica também acontece precocemente, fazendo com que aumente as patologias encontradas nas jovens mães e nos recém-nascidos (BRASIL, 2017).

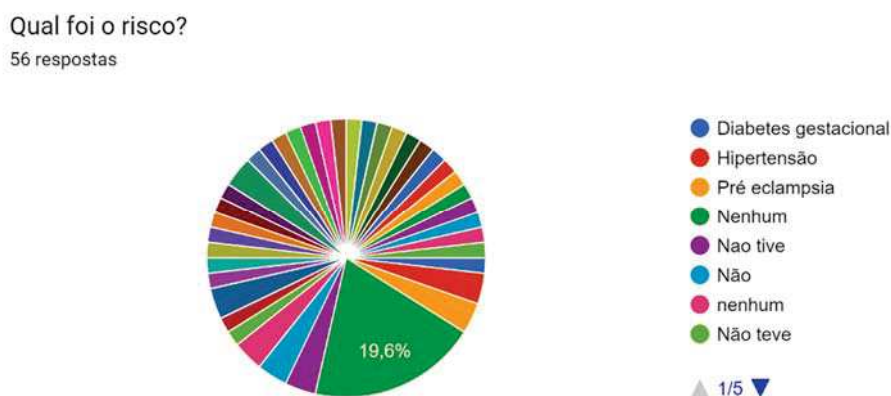


Figura 7– Autoria própria, 2024.

Considerada uma fase intensa e ligeira, a adolescência não deixa de ser um período de alterações significativas e notórias. Durante esse período são inúmeras as mudanças na vida dessas garotas: Adaptação a nova rotina, mudança de corpo e hormônio, dificuldade psicológicas, amamentação, problemas em se realocar no mercado de trabalho, entre tantas outras, essas foram as que mais se destacaram durante a nossa pesquisa.

Dentre as respostas, fica evidente que para as jovens o maior problema da gravidez precoce é a falta de maturidade.

Falta de informações, vulnerabilidade social, falta de apoio familiar e dialogo escasso, são condições que as mulheres entrevistadas acreditam que seja o fator predominante na ocorrência da gravidez prévia.

” Falta de condições emocionais para se gerar, ter e criar uma criança.”

“Dificuldades na assistência, falta de maturidade e em conciliar com as rotinas da vida, falta de planejamento”.

“A falta do preparo e suporte psicológico e emocional nessa fase”

No ponto de vistas das entrevistadas, a gravidez prévia é um acontecimento de extrema responsabilidade, e faz com que as jovens mães abram mão de seu amadurecimento natural e passem por uma fase de muitos desafios, e mudanças físicas, psicológicas e sociais. Algumas consideram algo muito ruim e de difícil aceitação para as famílias, 2,5 % delas relatam que a ajuda do Sistema Único de Saúde (SUS) foi de extrema importância durante a gestação e no puerpério.

“Sim, me ajudaram muito a entender as fases da criança e as minhas, auxiliaram muito nos cuidados e higiene da criança”.

“Sim, pois me muniu de informações que não tinha, além de me tranquilizar a respeito dos desafios como, por exemplo, amamentação”.

Entretanto algumas mulheres também relataram falta de apoio do SUS, seja através de uma comunicação clara e efetiva, até ao agendamento das consultas de pré-natal, o que trouxe ainda mais desafios para a fase.

“Tive suporte básico, mas acho que o sus deixa a desejar em todos os sentidos tanto no pré quanto nos pós”.

“As informações foram um pouco superficiais. Poderiam ser mais detalhadas e mostrar mais a realidade do pós parto”.

A adversidade da gravidez na adolescência é enfrentada pelo mundo todo, com a menarca acontecendo cada vez mais cedo, em alguns casos por volta dos 11 anos, essas meninas ficam ainda mais expostas ao risco de uma gravidez prévia (TABORDA et al, 2014). Em resposta ao formulário, as entrevistadas evidenciaram algumas das dificuldades que enfrentaram durante a gestação precoce, como a baixa autoestima, dependência emocional, escassez da comunicação familiar, ausência ou rejeição paterna, conflitos familiares, bem como violência e abusos. Algumas expuseram suas opiniões sobre a experiência ao qual passaram.

“Uma coisa muito dolorida, a maioria das meninas que ficam grávidas na gestação é por achar que estão sendo realmente amadas, e na maioria das vezes não. Acaba dificultando a vida delas e geralmente os familiares não aceitam, algumas nem terminam o ensino médio e tem que mudar seus sonhos por conta das responsabilidades precoce”.

“Penso que devia ser evitado, filhos são algo precioso, mas acredito que na adolescência seja o momento apropriado para gerar, esse adolescente precisaria abrir mão de muitas coisas inclusive o ensino ou negligenciaria os cuidados com o bebê”.

“Não aconselho a ter uma gravidez na adolescência, pois ter uma criança e sendo a mãe também criança, que nem sabe como criar, vai ter sérios problemas de identidade pois não viveu o que tinha que viver e pulou um ciclo de sua vida, para uma grande responsabilidade; que geralmente os adolescentes não tem”

“Que as adolescentes teriam que ter mais informações sobre os riscos que correm e se cuida mais antes de engravidar”.

“A gravidez na adolescência é realmente desafiadora. É como enfrentar uma encruzilhada sem um mapa adequado. Os adolescentes estão lidando com uma fase de desenvolvimento crucial e, de repente, são confrontados com a responsabilidade de serem pais, sem a experiência ou os recursos necessários. O estigma social e a pressão dos pares só tornam a situação mais difícil. Sem o apoio adequado da família e da comunidade, pode parecer uma batalha difícil de vencer. É uma fase complicada que requer muita compreensão e suporte”.

Dados do Sistema de Informação de Nascidos vivos, do Governo Federal (figura 8), mostram que os casos de gravidez na adolescência diminuíram em média 18% entre as jovens de 15 a 19 anos, desde 2017 (BRASIL, 2022).

Todavia os números ainda são relevantes, com 456,1 mil gestações de adolescentes em 2018, já em 2020 os dados levantados foram de 380,7 mil. Houve uma queda significativa nesses números pois em 2010 o número de gestantes adolescentes era de 552,6, representando 18% a menos em comparação a 2018.

Entretanto ainda com a baixa nos números, essa situação vem impactando negativamente a saúde e desenvolvimento dessas garotas (BRASIL, 2022).

Ainda que a gravidez precoce ocorra em todas as classes sociais, as jovens de grupos sociais menos favorecidos enfrentam problemas ainda maiores em relação aquelas com um nível social mais elevado. De acordo com um estudo realizado por Taborda, 2014, no estado do Paraná, 20,7% das mulheres que engravidaram no ano de 2000 eram adolescentes, isso denota que a cada 5 dessas gestantes 1 tinha entre 10 e 19 anos. Na medida que em Curitiba, capital do Estado, essa taxa caiu de 16% em 2003, para 14,2% no ano de 2010; ainda assim segue sendo um número alto, comparado aos países mais desenvolvidos, onde esse índice é menor que 10% (TABORDA et al, 2014).

Idade da Mãe

Ano	Menor de 10 anos	10 a 14 anos	15 a 19 anos
2010	0	27.049	525.581
2011	1	27.785	533.103
2012	2	28.236	531.909
2013	0	27.989	532.002
2014	1	28.244	534.364
2015	1	26.700	520.864
2016	4	24.135	477.246
2017	0	22.146	458.777
2018	0	21.172	434.956
2019	3	19.330	399.922
2020	2	17.526	363.252

Figura 8 – Sistema de informação de nascidos vivos, 2022.

Vale ressaltar que nem todas essas gestações são indesejadas, algumas das motivações que influenciam essas jovens são: carência afetiva, medo de perder o namorado, alternativa para sair de casa, fugir de abusos e da pressão escolar, e para algumas isso é um projeto de vida (OYAMADA et al, 2014).

Durante uma reportagem a assessoria de comunicação social do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, (MMFHD), o secretário nacional

dos Direitos da Criança e do Adolescente, Mauricio Cunha, afirmou. “Estamos também falando de violação de Direitos Humanos, quando uma menina de 10 entre e 14 anos engravida, é um estupro de vulnerável. Estamos virando esse quadro, mas ainda a muito o que se fazer.”

É necessário que haja estratégias de prevenção, considerando também os fatores predisponentes já citados, atentando-se para aquelas adolescentes mais expostas ao risco de engravidar, evidenciando não somente a importância da orientação dos profissionais da saúde e escola, mas também dos familiares, tentando sempre uma comunicação clara e não violenta, sanando todas as dúvidas quanto a gravidez precoce e IST's, construindo assim uma relação de confiança e apoio.

Este estudo salientou as inúmeras vicissitudes da gravidez prévia e o impacto sob a vida das jovens mães. Notou-se também, que apesar de não planejada, a gravidez foi aceita pelas mães e famílias, apesar de toda dificuldade enfrentada.

Percebeu-se através dessa pesquisa a premência de informações de qualidade e programas sobre educação sexual, que apresentem anatomia e fisiologia do corpo humano, que eduquem esses adolescentes e seus tutores, que abordem questões físicas e emocionais que agravam a sexualidade precoce, baseando-se nos direitos humanos das crianças e adolescentes, encorajando o planejamento futuro, enfatizando a autonomia e responsabilidades pelas suas escolhas, ressaltando que há tempo para cada fase da vida. Requerer estratégias que não sejam temporárias, mas que sejam efetivas e duradouras.

Uma campanha realizada pelo MMFHD, para conscientização e esclarecimento de dúvidas sobre o tema teve por iniciativa criar um hot site (site promocional), a fim de expor a questão e fornecer conhecimento científico e humano, assim como os trabalhos desenvolvidos pela Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescentes (SNDCA). A Semana da Prevenção da Gravidez na Adolescência foi instituída pela Lei 13.798/19, e é celebrada no dia 1º de fevereiro todo ano, e teve início no ano de 2019 (BRASIL, 2021).

Em parceria com o ministério da saúde a campanha usa as redes sociais como forma de divulgação desse trabalho e utiliza a hashtag “tudo tem seu tempo” (#tudotemseutempo) e orienta “adolescência primeiro, gravidez depois”. O material compartilhado traz importantes informações e orienta que as consequências são pra toda vida, “informe-se. Reflita. Converse com sua família. Planeje seu futuro, e

procure orientações em uma unidade de saúde”. É esperado que esse trabalho promova uma grande disseminação de informações para os jovens e adolescentes, visando a diminuição de casos de gravidez não planejada e infecções sexualmente transmissíveis (BRASIL, 2021).

10. CONCLUSÃO

Diante da análise realizada sobre os riscos da gravidez na adolescência, fica evidente a importância de se implementar políticas públicas e programas educacionais voltados para a prevenção e assistência às jovens gestantes. Os dados apresentados mostram que a gravidez na adolescência pode acarretar consequências significativas tanto para a saúde física e mental das adolescentes quanto para o desenvolvimento dos filhos.

É fundamental que a sociedade como um todo assuma a responsabilidade de fomentar o acesso à informação sobre educação sexual e métodos contraceptivos, bem como de garantir o suporte necessário às adolescentes que se encontram nessa situação. Além disso, é importante que a família, a escola e os serviços de saúde atuem de forma integrada para proporcionar um ambiente seguro e acolhedor para as jovens grávidas.

Por fim, é imprescindível que haja um compromisso por parte dos governos e das instituições em promover a igualdade de gênero e combater a discriminação e o estigma associados à gravidez na adolescência. Somente assim será possível garantir o bem-estar e o futuro promissor das adolescentes e de suas crianças.

REFERÊNCIAS

ASSIS, T. D. S. C. Reincidência de gravidez na adolescência: fatores associados e desfechos maternos e neonatais. **SCIELO**, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/XnT756cTfWKzG66Zjh8jt7b/?lang=pt#>>. Acesso em: 2024.

FERREIRA, J. P. N. Síndromes hipertensivas específicas da gestação em adolescentes e suas repercussões maternas e perinatais: uma revisão integrativa de literatura. **BRAZILIAN JOURNAL OF DEVELOPMENT**, 2021. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/27298/21589>>. Acesso em: 2024.

GUIMARÃES, J. Pedagogias da sexualidade: discursos, práticas e (des)encontros na atenção integral à saúde de adolescentes 1 2 3. **SCIELO**, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/kGdyDSB9rjSKXKxLX6FBQPD/?lang=pt#>>. Acesso em: 2024.

BRASIL, Ministério da saúde. 01 a 08/02 – Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência. **Biblioteca Virtual em Saúde**, 2023. Disponível em: <<https://bvsm.sau.de.gov.br/01-a-08-02-semana-nacional-de-prevencao-da-gravidez-na-adolescencia/#>>. Acesso em: 2024.

BRASIL, Ministério da saúde. Falta de acesso à serviços de saúde e desinformação são fatores de risco para a gravidez não intencional na adolescência. **GOV**, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/fevereiro/falta-de-acesso-a-servicos-de-saude-e-desinformacao-sao-fatores-de-risco-para-a-gravidez-nao-intencional-na-adolescencia>>. Acesso em: 2024.

OYAMADA, L. H. GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA. **GOOGLE ACADÊMICO**, 2014. Disponível em: <https://www.mastereditora.com.br/periodico/20140331_212052.pdf>. Acesso em: 2024.

SILVA, C. C. O. GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: RISCOS E REPERCUSSÕES NA SAÚDE E NA VIDA FAMILIAR E SOCIAL. **REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL UCSAL**, 2021. Disponível em:

<<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/4464/1/TCCCLODIANESILVA.pdf>>.

Acesso em: 2024.

TABORDA, J. A. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. **SCIELO**, 2014.

Disponível

em:

<<https://www.scielo.br/j/cadsc/a/drQRqXtKxwbYyV8gzFTwcQH/?lang=pt#>>. Acesso

em: 2024.

TABORDA, J. A. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. **SCIELO**, 2014.

Disponível

em:

<<https://www.scielo.br/j/cadsc/a/drQRqXtKxwbYyV8gzFTwcQH/?lang=pt>>. Acesso

em: 2024.

APÊNDICE A

1. Qual sua faixa etária?
2. Tem filhos?
3. Com quantos anos teve sua primeira gestação?
4. Qual era seu nível de escolaridade na primeira gestação?
5. Precisou parar os estudos por conta da gestação?
6. Se sim, em qual série? Retomou os estudos após o nascimento do bebê?
7. Foi uma gravidez de risco?
8. Qual foi o risco?
9. Qual foi a sua maior dificuldade durante e após a gestação?
10. As informações e cuidados que recebeu do sistema de saúde durante o pré-natal, pós-parto e primeiros meses da criança te auxiliaram? Sim, não e por que.
11. Sobre a gestação precoce, qual é o maior risco que você acredita que é enfrentado?
12. O que pensa sobre a gravidez na adolescência?